

A INVENÇÃO DE PRÁTICAS NO DIÁLOGO SAÚDE-EDUCAÇÃO

Prof^a Rosemarie Gartner Tschiedel (coordenadora)

Alessandra da Costa Kasprczak e Ana Maria Pretto (autoras)

O projeto de extensão “Atenção Básica e Educação: Saberes e Vivências em Rede”, do qual participamos, desenvolve-se no contexto do Programa Saúde na Escola (PSE), política intersetorial que propõe a integração e a articulação continuada entre Saúde e Educação, com o objetivo de contribuir para a formação dxs estudantes e trabalhadorxs* das escolas por meio de ações de promoção, prevenção e atenção à saúde.

O presente projeto está vinculado ao “Programa Viver Melhor na Escola” da Unidade Básica de Saúde (UBS) Santa Cecília/HCPA, que vem trabalhando junto às seis escolas estaduais e três creches conveniadas de seu território de abrangência, com atuação que visa à avaliação das condições de saúde (antropometria, acuidade visual, consultoria psiquiátrica, etc), à prevenção de doenças e agravos (vacinação, educação em saúde, etc), à promoção de saúde e à ampliação da formação de professorxs e funcionárixs dos locais de ensino (educação permanente).

Realizamos alguns trabalhos, dentre os quais destacamos aqui 1) as oficinas brincantes, com quatro turmas de Educação Infantil; 2) as oficinas com adolescentes de uma turma de 8^a série; 3) os (per)curso com professores na temática de “Abordagem da sexualidade na escola”.

As oficinas brincantes são feitas em parceria com colegas da Fonoaudiologia que também estão vinculadas à UBS, de forma que uma dupla fono-psi intervenha em cada turma da creche em questão. Temos ido ao estabelecimento a cada três semanas, permanecendo em torno de uma hora nas atividades das turmas. Nossa aposta, nesses momentos de encontro com as crianças para brincar junto e acompanhá-las, é de que possamos conhecer um pouco mais das suas relações, da sua interação com o mundo e das suas questões, tomando o brincar como a principal terapêutica da infância. Nesse processo também é possível identificar algumas situações mais complexas que envolvem as crianças, o que nos leva a fortalecer a atenção em saúde via Atenção Básica, através do contato com as equipes de referência das famílias. Além disso, o investimento no brincar como produção de saúde busca também relativizar a função de controle que o espaço escolar historicamente exerce na produção dos sujeitos e das sociedades, tornando-se assim uma intervenção que visa também à formação docente na proposição de outras metodologias.

As oficinas com adolescentes têm sido desenvolvidas com uma turma de 8^a série, com encontros quinzenais de dois períodos de aula (1h40min), e estão sendo planejadas e realizadas com um professor da turma. A ideia é pensar os aspectos relacionais, discutindo temas presentes no cotidiano e que possam produzir novos sentidos para os alunos, como diferenças, diversidade,

alteridade (problematizando-se as questões de preconceito e discriminação); amor, ciúmes; papéis de gênero; família; amigos. Nossa proposta investe em metodologias participativas e ativas de aprendizagem e aposta na potência do encontro de diferentes saberes na produção de saúde e de cuidado de si, tomando essa produção como prática crítica e reflexiva na/sobre a realidade, o que colabora para a ampliação de possibilidades de escolhas na vida.

Além da formação transversal que vislumbramos ao longo dos processos interventivos que indicamos, o Programa tem investido na educação permanente através da oferta de cursos com algumas temáticas apontadas pelos professorxs como relevantes para o trabalho com educação e saúde, são eles: Dificuldade de aprendizagem; Integração da família, escola e cuidado dx professorx; Integração dos conhecimentos em saúde no plano pedagógico; Educação social e emocional; Cultura da Paz, abordagem de conflitos e do uso de drogas; Abordagem da sexualidade na escola.

Essas atividades foram programadas para acontecer mensalmente, de forma itinerante entre as escolas, em encontros de uma hora e meia fora do horário letivo. Agregando profissionais de diferentes escolas em torno dos temas para discussão e aprofundamento, temos trabalhado com rodas de conversa e oficinas. Nossas intervenções têm o objetivo de problematizar e ampliar as possibilidades para que a escola e seus profissionais possam compreender e trabalhar com as questões relativas à saúde, corpo, gênero, sexualidade e educação.

A avaliação das ações e propostas constitui-se um processo constante, inclusive durante as intervenções, com os sujeitos envolvidos, buscando assim ampliar os critérios de valoração e crítica acerca do nosso fazer. Reafirmamos que nossa escolha por metodologias participativas busca valorizar o saber de cada sujeito na composição entre e reflete nossas concepções acerca da produção de conhecimento, de saúde e de sujeitos, sendo que tomamos a produção de si inseparável da produção do mundo.

Salientamos ainda que a participação na construção ativa do diálogo entre saúde e educação tem sido bastante relevante na nossa formação, e nos faz atentar para a inseparabilidade entre teoria e prática (visto que a teoria já é uma prática porque produz sujeitos a partir de suas lentes de visibilidade), bem como da decorrente indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, já que intervir é pesquisar, conhecer, estar em contato com diferentes realidades, produzir novos conhecimentos. Além disso, fica evidente a necessidade de “desdisciplinar” as disciplinas para lidar com a complexidade das situações concretas com que nos deparamos e com a integralidade dos sujeitos atendidos.

* Optamos politicamente pelo uso do “x”, em vez das flexões normativas de gênero, a fim de provocar as pessoas a pensarem na existência de gêneros não previstos pelo nosso sistema binário (masculino e feminino pré-determinados).